A FEIRA-LIVRE COMO ESPAÇO DE TRABALHO E RESISTÊNCIA: MALHA VIÁRIA, REQUALIFICAÇÃO URBANA E DIREITO À CIDADE EM FEIRA DE SANTANA-BA

Ákila Soares de Brito
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0002-4754-0824
Endereço eletrônico: akilasbritto@hotmail.com

Jânio Roberto Diniz dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4972-7684
Endereço eletrônico: jrdsantos@uesb.edu.br

Palavras-chave: feira-livre; malha viária; direito à cidade; Feira de Santana-BA.

INTRODUÇÃO

Feira de Santana recebeu o próprio nome de sua atividade fundadora: a feira de gado que, desde o século XIX, reunia tropeiros e mercadorias no cruzamento de caminhos entre o Recôncavo e o Sertão, deixando marcas duradouras em sua morfologia - ruas largas para a passagem de boiadas, praças convertidas em entrepostos - e um centro comercial que jamais deixou de ser também centro de feira-livre (Britto; Freitas, 2021). Este artigo explora a dimensão do trabalho: quem ocupa esses espaços de comercialização popular e em que termos políticos se dá a disputa pela sua permanência ou remoção diante dos projetos municipais de requalificação urbana.

Objetiva-se analisar como a expansão da malha viária e as políticas de requalificação urbana reconfiguraram a espacialidade e as condições de trabalho de feirantes e ambulantes no centro comercial de Feira de Santana, articulando a leitura dos fixos e fluxos à crítica do direito à cidade. Para Santos (2006), o espaço resulta da relação dialética entre fixos - ruas, praças, entrepostos - e fluxos - os movimentos que esses fixos permitem e que, por sua vez, os

transformam. A feira-livre é duplamente inscrita nessa relação: fixo, enquanto ocupação recorrente de um espaço público, e fluxo, enquanto prática comercial temporária.

Essa leitura dialoga com a geografia crítica que compreende o direito à cidade não como acesso a bens urbanos, mas como direito coletivo de participar da produção do espaço (Lefebvre, 2001; Harvey, 2014) - direito frequentemente capturado pelo Estado e reduzido àquilo que não ameaça a circulação do capital, sobretudo quando políticas de "modernização" tratam o comércio popular como desordem a corrigir (Carlos, 2007). É nesse ponto que o trabalho se articula ao eixo temático deste colóquio: a feira-livre, como prática tradicional em circuito curto e expressão do trabalho informal, revela as contradições entre a fluidez viária e comercial e a reprodução da vida de quem trabalha na rua.

METODOLOGIA

A pesquisa tem natureza aplicada e abordagem qualitativa, orientada pelo método dialético, por compreender a relação entre malha viária, requalificação urbana e trabalho informal como contradição em processo. Recorreu-se à pesquisa bibliográfica e documental - dissertação de mestrado (Britto, 2021) e o Plano Municipal de Mobilidade Urbana (Feira de Santana, 2018) - e ao levantamento de notícias publicadas entre 2021 e 2026 em portais locais, com os descritores "feirantes", "ambulantes", "requalificação" e "Centro de Abastecimento", comparadas com os dados de Britto e Freitas (2021) e interpretadas à luz do referencial teórico adotado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Do gado ao trânsito: a feira-livre como fixo condicionado pelo fluxo

A trajetória da malha viária de Feira de Santana - da Estrada das Boiadas ao Anel de Contorno Rodoviário - já foi reconstituída em Britto e Freitas (2021): a antiga feira-livre da Praça do Comércio (atuais praças da Bandeira e João Pedreira), que se estendia pelo cruzamento das avenidas Getúlio Vargas e Senhor dos Passos, foi diluída, na década de 1970, em pontos dispersos pelo centro e em quatro grandes feiras - Centro de Abastecimento, Estação Nova, Cidade Nova e Tomba. Esse processo ilustra a relação lógica entre fixos e fluxos de Santos (2006): a feira-livre não apenas ocupa um fixo herdado, como sua

permanência ou deslocamento é função do fluxo viário que a atravessa. Quando a prefeitura amplia uma via ou constrói um viaduto para "garantir fluidez ao trânsito", como registrado entre 2007 e 2018 (Britto; Freitas, 2021), o fixo comercial ali existente - a feira, a barraca, o ambulante - é deslocado para dar lugar ao fluxo de veículos, numa hierarquia em que a circulação motorizada tende a prevalecer sobre a permanência do comércio popular.

Requalificação urbana e a produção seletiva do espaço central

Essa hierarquia se manifesta nos projetos de requalificação implementados desde o Plano Municipal de Mobilidade Urbana de 2018, que previu a retirada dos "ambulantes" da antiga feira da Getúlio Vargas rumo ao Centro de Abastecimento (Feira de Santana, 2018; Britto; Freitas, 2021). O processo ganhou continuidade nos anos seguintes: em 2021, o Projeto Novo Centro relocou entre 280 e 300 trabalhadores da Rua Marechal Deodoro e da Praça Bernardino Bahia, ao mesmo tempo em que se firmava o Pacto de Feira de Santana entre 21 instituições e se anunciava o Shopping Popular - Feiraguay - para cerca de 1.800 ambulantes cadastrados (Acorda Cidade, 2021a; 2021b; Feirenses, 2021). Com base nas leituras em Carlos (2007), esse arranjo expressa os limites do direito à cidade concedido pelo poder público: os trabalhadores informais são incorporados ao planejamento não como sujeitos de decisão, mas como população a ser cadastrada e reassentada em locais previamente definidos - inclusão nos termos da fluidez do trânsito, não da reprodução da vida de quem depende daquele comércio.

Entre a modernização e a permanência: a feira-livre como prática de resistência

Os desdobramentos recentes reforçam a leitura de que a feira-livre, mesmo sob sucessivas tentativas de reordenamento, não desaparece: desloca-se, adapta-se e resiste. Em 2024, nova revitalização do Centro de Abastecimento revelou que a Feira da Estação Nova, uma das quatro feiras remanescentes da diluição da feira central, contava sozinha com 1.611 feirantes cadastrados - mais que o próprio Centro de Abastecimento (Acorda Cidade, 2024), o que desafia a narrativa modernizadora de concentração: é a forma descentralizada e popular da feira-livre que concentra o maior volume de trabalhadores do comércio de rua na cidade.

Em 2025, novo episódio evidenciou a dimensão política dessa relação: na padronização da feira da Marechal Deodoro, a Prefeitura propôs fechar as barracas com lona,

e os feirantes reivindicaram zinco, por entenderem as estruturas como permanentes (Jornal Grande Bahia, 2025) - disputa pelo próprio estatuto do fixo, já que a lona mantém o comércio popular como fluxo tolerado, e o zinco reclama inscrição permanente no espaço urbano. Levada à Câmara Municipal, a demanda seguiu em negociação (Jornal Grande Bahia, 2025). Já em 2026, a Prefeitura anunciou pacote de R$ 3,5 milhões para reformar os mercados municipais dos distritos periféricos de Humildes e Limoeiro (Acorda Cidade, 2026), confirmando a tese do espraiamento de Britto e Freitas (2021): o comércio popular não é apenas removido do centro, mas redistribuído também nas bordas da mancha urbana.

CONCLUSÕES

Este artigo avançou sobre estudo anterior, incorporando à leitura histórico-cartográfica da relação entre malha viária e feiras-livres a dimensão do trabalho e da disputa pelo direito à cidade. Os resultados indicam que a lógica entre fixos e fluxos, de Milton Santos, é também uma dialética do trabalho: o comércio popular de rua é tolerado, relocado, formalizado ou marginalizado conforme os interesses de fluidez viária que orientam a requalificação municipal.

Apartir do estudo em textos de Lefebvre, Harvey e Carlos, essa trajetória revela os limites de um direito à cidade concedido pelo Estado nos termos que não ameaçam a circulação do capital. Os episódios recentes - a permanência das feiras dispersas, a mobilização dos feirantes da Rua Marechal Deodoro e a expansão do comércio para os distritos periféricos - sugerem que a feira-livre segue sendo, em Feira de Santana, um espaço de reexistência: prática tradicional que resiste e se territorializa a cada ciclo de transformação da malha viária.

REFERÊNCIAS

ACORDA CIDADE. **Prefeitura inicia obras de requalificação do Centro de Abastecimento**. Feira de Santana, 3 mar. 2021a. Disponível em: https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/prefeitura-inicia-obras-de-requalificacao-do-centro-de-abastecimento/. Acesso em: 11 jul. 2026.

ACORDA CIDADE. **Feirantes são relocados da Marechal Deodoro para outros espaços de comercialização.** Feira de Santana, 12 mar. 2021b. Disponível em: https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/feirantes-sao-relocados-da-marechal-

deodoro-para-outros-espacos-de-comercializacao/. Acesso em: 11 jul. 2026.

ACORDA CIDADE. **Áreas do Centro de Abastecimento de Feira de Santana passam por revitalização**. Feira de Santana, 24 maio 2024. Disponível em: https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/areas-do-centro-de-abastecimento-de-feira-de-santana-passam-por-revitalizacao/. Acesso em: 11 jul. 2026.

ACORDA CIDADE. **Prefeitura anuncia pacote de quase R$ 3,5 milhões em obras para Humildes e Limoeiro.** Feira de Santana, 23 fev. 2026. Disponível em: https://www.acordacidade.com.br/feira-de-santana/prefeitura-anuncia-pacote-de-quase-r-35-milhoes-em-obras-para-humildes-e-limoeiro/. Acesso em: 11 jul. 2026.

BRITTO, Ákila Soares de. **Planejamento e mobilidade urbana em Feira de Santana-BA:** estrutura viária e vias de expansão. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021.

BRITTO, Ákila Soares de; FREITAS, Nacelice Barbosa**. O crescimento da malha viária e sua influência nas feiras-livres de Feira de Santana-BA.** In: ENCONTRO NACIONAL DE REDE BRASILEIRA DE ESTUDOS SOBRE COMÉRCIO E CONSUMO, 1.; SEMINÁRIO REGIONAL DE COMÉRCIO, CONSUMO E CULTURA NAS CIDADES, 5., 2021, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2007.

FEIRA DE SANTANA. **Lei Complementar nº 112, de 5 de abril de 2018. Institui o Plano de Mobilidade de Feira de Santana**. Feira de Santana: Prefeitura Municipal de Feira de Santana, 2018.

FEIRENSES. **A organização do centro comercial de Feira de Santana**. Feira de Santana, 6 set. 2021. Disponível em: https://feirenses.com.br/centro-comercial-feira-de-santana/. Acesso em: 11 jul. 2026.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

JORNAL GRANDE BAHIA. SEAGRI e **feirantes da Marechal avançam em diálogo sobre padronização da feira. Feira de Santana,** 14 maio 2025. Disponível em: https://jornalgrandebahia.com.br/2025/05/feira-de-santana-seagri-e-feirantes-da-marechal-avancam-em-dialogo-sobre-padronizacao-da-feira/. Acesso em: 11 jul. 2026.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.